

Sarney protesta contra 'terrorismo moral' e se diz perseguido pelo JB

Raimundo Paccó

Depois de três anos sem fazer discursos no plenário do Senado, o senador José Sarney (PMDB-AP) quebrou ontem seu silêncio. Num discurso duríssimo, Sarney protestou contra o "terrorismo moral" que está, na sua opinião, ameaçando o Brasil. O ex-presidente da República rebateu as acusações de supostas irregularidades na compra de cinco apartamentos no Rio durante o seu governo e disse que elas são parte de uma campanha orquestrada contra ele. Sarney atribuiu as notícias negativas, publicadas pelo Jornal do Brasil, à recusa de uma proposta de negociação da dívida de US\$ 25 milhões que o JB tentou e não conseguiu negociar com o Banco do Brasil. O ex-presidente informou ter entrado com um processo-crime por danos civis contra o jornal.

"Estou pagando não pelos meus defeitos, mas sim pelas minhas virtudes, o preço de ter cumprido o meu dever de não me deixar conspurcar pela bajulação dos editoriais, dando favores às custas do dinheiro do povo", afirmou Sarney.

"Estou aqui para ajudar o Brasil e não para desestabilizá-lo, por isso não aceito esse processo no qual tenha de adotar qualquer conduta política intimidado pelo terrorismo moral, que é pior do que o terrorismo físico", afirmou o senador. "O terrorismo físico mata, destrói o corpo, enquanto o outro destrói a alma, a reputação, passa para os filhos e mergulha no tempo", disse Sarney.

Dívidas — O ex-presidente explicou ter sido procurado por diversas vezes pelo proprietário do JB, Nascimento Britto, que lhe pedia ajuda para evitar a falência do JB. "O JB ia fazer cem anos, os problemas se acumulavam. Eu mandei, pelos meios normais, que se encontrasse uma solução para o problema, a fim



Num discurso duríssimo, Sarney atribuiu as denúncias ao fato de não ter negociado a dívida do JB

de que o jornal não acabasse no meu governo", disse Sarney. Segundo o senador, vários desses pedidos, como o reescalonamento de dívidas com o Banco do Brasil, foram atendidos, mas isto não ocorreu com o último, pelo qual Nascimento Britto pretendia pagar US\$ 17 milhões com verba antecipada de espaço publicitário no jornal e na rádio JB, pedia a liberação de imóveis dados como garantia de empréstimos para venda e queria reescalonar o restante da dívida em dez anos.

"Se eu tivesse autorizado isso, hoje eu não estaria nesta tribuna", disse Sarney, informando ter o Banco do Brasil concluído necessitar de verbas oficiais específicas para dar cobertura às condições especiais para o financiamento solicitado pelo JB.

Sarney denunciou também que o JB estaria acertando um acordo com o Morgan Trust Corporation para composição de suas dívidas, numa operação "suspeita por todos os motivos". "Quero alertar o presidente Itamar Franco para essa operação que está em andamento",

advertiu o senador.

Apartamentos — O ex-presidente levou à tribuna os exemplares do Jornal do Brasil com manchetes em que é acusado de comprar cinco apartamentos no Rio durante seu governo. "Isso é uma ignomínia, uma infâmia que se joga para enlamear", afirmou. Sarney explicou que não se trata de cinco, mas sim de três apartamentos de seus filhos. O de Roseana Sarney, adquirido com a venda de outro imóvel, comprado em 1981 com o marido. O de Sarney Filho, que é deputado, onde mora com a família. E o de Fernando Sarney, que dirige três empresas da família no Maranhão. "Minha filha separou-se e ficou com o apartamento. Será que meu filho, que é deputado e mora no Rio, não pode ter lá um apartamento? E o outro, dirigente de três empresas, não pode ter um apartamento de três quartos?", indagou.

Depois de Getúlio Vargas, que ocupou a tribuna do Senado por duas vezes para oferecer explicações contra acusações, Sarney é o primeiro ex-presidente a tomar essa atitude.

Jornal diz que senador ainda deve explicação

Rio — "O pronunciamento do ex-presidente José Sarney nos chocou mais pelo que não foi dito do que propriamente pelo que disse", reagiu ontem o diretor-presidente do Jornal do Brasil, Manoel Nascimento Britto, aos ataques ao veículo feitos pelo senador José Sarney. "Ele continua devendo explicações ao País em relação à sua gestão na Presidência da República. A Nação continua aguardando suas respostas às perguntas feitas pela CPI que apurou irregularidades no seu governo".

"Achamos que ele tem todo o direito de se manifestar, falar o que quiser, inclusive besteiras", afirmou. Segundo ele, a proposta de renegociação feita pelo JB na época "foi legítima e inquestionável, inclusive o pagamento de uma parcela com publicidade".

Arquivamento de CPI fica sem resposta

O ex-presidente e atual senador José Sarney também usou ontem a tribuna do Senado para rebater as acusações de que teria sido beneficiado pelo arquivamento do relatório final da CPI que apurou denúncias de desvio de recursos no seu governo. Em discurso emocional, Sarney afirmou que as conclusões da CPI foram arquivadas pela Câmara e pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por não serem crime de

responsabilidade, mas apenas acusações de "teor político".

O ex-presidente leu partes do relatório da comissão em que é acusado pela falta de governo no País e por ter concorrido para aumentar o déficit público e o processo inflacionário. "Nada tenho de que me defender, pois tenho uma vida toda de dedicação ao País e mereço respeito". Sarney se disse vítima de "denúncias levianas, baseadas em fontes anônimas".

Ele se recusava a responder perguntas sobre o arquivamento da CPI e sobre as denúncias de que teria favorecido as empreiteiras em seu governo. Ouviram o discurso três de seus ex-ministros, hoje deputados — Roberto Cardoso Alves (PTB-SP), Aloísio Alves (PMDB-RN) e José Reinaldo Tavares (PFL-MA) —, seu filho, deputado José Sarney Filho (PFL-MA), e outros parlamentares aliados.

Sarney discursou durante uma hora, sem aceitar aparte de senadores, e foi muito aplaudido no final. A sessão foi suspensa pelo presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB-PB), enquanto o ex-presidente era cumprimentado. "As pesquisas dão-me a glória de ser considerado pelo povo o melhor presidente que o País já teve", afirmou. "Estou pagando o alto preço do reconhecimento popular".